EXERCÍCIOS DE APROFUNDAMENTO

01. (PUCRJ)

Texto 1

Soneto VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!
Quanto me alegra ouvir a suavidade,
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
Tudo me está causando novidade:
Oh como é certo, que a cruel saudade
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,
Que andou té agora por incerto giro
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais, com que respiro,
Podendo comover o vosso agrado,
Façam digno de vós o meu suspiro.

COSTA, Cláudio Manuel da. ***Melhores poemas***. São Paulo: Global, 2000, p.35.

Texto 2

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar
[extático da aurora

MORAES, Vinicius de. Antologia poética. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 92-3.

01. A partir da leitura do Texto 1, determine o estilo de época a que ele pertence, destacando dois aspectos que confirmam a sua resposta.

02. Indique o gênero literário predominante nos poemas de Cláudio Manuel da Costa e Vinicius de Moraes, justificando com aspectos que o caracterizam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Texto 1

Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no Inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As Cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum, que não abata,
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma Pátria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito.

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos, e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos Palácios, cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia História
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto,
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho, e ali te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sobe
A mais o meu desejo!

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: A POESIA dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Texto 2

Olha, Marília, as flautas dos pastores

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1980.

Os dois textos têm uma intenção nitidamente didática, entendida no campo da lição sentimental.

03. (UFJF-PISM 3) No texto 2, o modelo da lição é bem diferente do da anterior. Aponte esse modelo e explique.

04. (UFJF-PISM 3) No texto 1, qual o elemento fundamental em que se assenta a proposta didática? Explique.

05. (UFJF-PISM 3) Em ambos os textos a interlocutora do eu lírico é chamada de "Marília". Explique o mesmo nome usado por poetas diferentes, em locais diferentes.

06. (UFJF-PISM 3) Relacione esse didatismo com o período em que os autores viveram.

07. (FUVEST) Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

– Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

– Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?... O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

– Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

– Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija

(...).

Eça de Queirós, A cidade e as serras.

No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?

08. Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão "nem façamos Arcádia", empregada por Jacinto.

09. (UNESP) A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base a letra de uma guarânia dos compositores sertanejos Goiá (Gerson Coutinho da Silva, 1935-1981) e Belmonte (Pascoal Zanetti Todarelli, 1937-1972).

Saudade de minha terra
De que me adianta viver na cidade,
Se a felicidade não me acompanhar?
Adeus, paulistinha do meu coração,
Lá pro meu sertão eu quero voltar;
Ver a madrugada, quando a passarada,
Fazendo alvorada, começa a cantar.
Com satisfação, arreio o burrão,
Cortando o estradão, saio a galopar;
E vou escutando o gado berrando,
Sabiá cantando no jequitibá.
Por Nossa Senhora, meu sertão querido,
Vivo arrependido por ter te deixado.
Nesta nova vida, aqui da cidade,
De tanta saudade eu tenho chorado;
Aqui tem alguém, diz que me quer bem,
Mas não me convém, eu tenho pensado,
E fico com pena, mas esta morena
Não sabe o sistema em que fui criado.
Tô aqui cantando, de longe escutando,
Alguém está chorando com o rádio ligado.
Que saudade imensa, do campo e do mato,
Do manso regato que corta as campinas.
Ia aos domingos passear de canoa
Na linda lagoa de águas cristalinas;
Que doces lembranças daquelas festanças,
Onde tinha danças e lindas meninas!
Eu vivo hoje em dia, sem ter alegria,
O mundo judia, mas também ensina.
Estou contrariado, mas não derrotado,
Eu sou bem guiado pelas mãos divinas.
Pra minha mãezinha, já telegrafei,
Que já me cansei de tanto sofrer.
Nesta madrugada, estarei de partida
Pra terra querida que me viu nascer;
Já ouço sonhando o galo cantando,
O inhambu piando no escurecer,
A lua prateada, clareando a estrada,
A relva molhada desde o anoitecer.
Eu preciso ir, pra ver tudo ali,
Foi lá que nasci, lá quero morrer.

(Goiá em duas vozes – o compositor interpreta suas músicas. Discos Chororó. CD nº 10548, s/d.)

Relendo os primeiros seis versos da terceira estrofe, percebe-se que o conteúdo neles relatado apresenta analogia com a poesia do Arcadismo, de que foram típicos representantes em nosso país Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Indique uma dessas semelhanças.

10. (UNB)

Texto I

LXXIX

Entre este álamo, ó Lise, e essa corrente,
Que agora estão meus olhos contemplando,
Parece que hoje o céu me vem pintando
A mágoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum deles se consente
Ao doce respirar do vento brando;
O tronco a cada instante meneando,
A fonte nunca firme, ou permanente.

Na líquida porção, na vegetante
Cópia daquelas ramas se figura
Outro rosto, outra imagem semelhante:

Quem não sabe que a tua formosura
Sempre móvel está, sempre inconstante,
Nunca fixa se viu, nunca segura?

Cláudio Manoel da Costa. Apud Domício Proença Filho. A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 85.

Texto II

O espelho

O
espelho: atra
vés
de seu líquido nada
me des
dobro.

Ser quem me
olha
e olhar seus
olhos
nada de
nada
duplo
mistério.

Não amo
o espelho: temo-o.

Orides Fontela. Poesia reunida (1969-1996). São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7letras, 2006, p. 212.

Os poemas **LXXIX** e ***O espelho*** abordam tema semelhante de maneira bastante diferente. Considerando que o soneto de Cláudio Manoel da Costa foi escrito em 1768 e o poema de Orides Fontela, em 1986, redija um texto, na modalidade da língua escrita padrão, abordando as diferenças formais (verso, rima etc.) e temáticas (configuração do eu lírico diante do espelho) entre as duas obras.

GABARITO

01. O texto 1 é um soneto de Cláudio Manuel da Costa e pertence ao estilo do arcadismo. Duas características típicas desse estilo e que estão presentes no soneto do poeta são: o uso do soneto com emprego de versos decassílabos e o aspecto bucólico, como vemos no verso "Os rebanhos, o gado, o campo, a gente", em que o eu lírico alude a elementos do campo.

02. Ambos os textos pertencem ao gênero lírico, sendo caracterizados pela presença de um eu lírico que traz subjetividade, sentimentalismo e emoções. Além disso, vemos a presença de uma linguagem poética por meio do ritmo dos poemas e do uso de figuras de linguagem.

03. No soneto de Bocage, "Olha, Marília, as flautas dos pastores", o eu lírico desenvolve o tema do ***Locus amoenus*** ("lugar ameno", um refúgio ameno em detrimento dos centros urbanos monárquicos), descrevendo o que sente quando contempla a natureza, sem, contudo, deixar de ressaltar que nada teria a mesma beleza sem a presença da sua amada.

04. No texto 1, o eu poético discorre sobre o que considera ser o verdadeiro herói: o protagonista de ações valorosas, mas a que deve ser associada também a justiça da causa que as move e o comportamento moral e ético que as acompanha, opinião explícita, por exemplo, na quinta estrofe.

05. Era típico dos árcades e neoclassicistas usarem, em suas composições poéticas, nome fictício para aquelas por quem se enamoravam na vida real ou, muitas vezes, no mundo imaginário. O próprio nome do movimento, "Arcadismo", é uma referência à "Arcádia", região bucólica do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética. Por essa razão, muitos poetas do Arcadismo adotaram pseudônimos de pastores gregos ou latinos, como foi o caso de Tomás António Gonzaga em "Marília de Dirceu" e Manuel Maria Barbosa du Bocage, em grande parte da sua poesia lírica.

06. Tomás Antônio Gonzaga e Manuel Maria Barbosa Du Bocage, que viveram no período histórico da Independência dos Estados Unidos (1776), da Revolução Francesa (1789) e da Inconfidência Mineira (1789), estão inseridos no movimento estético do Arcadismo. No texto 1, o eu poético associa a grandeza das ações heroicas de personagens clássicos à justiça das causas que abraçaram e ao comportamento ético que as acompanhou: "O ser herói, Marília, não consiste/Em queimar os Impérios" (...) "Consiste o ser herói em viver justo:/E tanto pode ser herói pobre,/Como o maior Augusto". No texto 2, o eu poético desenvolve o topo do ***locus amoenus***, voltado para a fruição dos prazeres que a natureza oferece e da companhia da mulher amada, referência explícita nos dois últimos tercetos do soneto.

07. O fragmento reproduz uma cena passada na Quinta de Tormes, local em que Jacinto passa a morar depois de se ter mudado de Paris. O estranhamento de Zé Fernandes face ao pedido de Jacinto para que lhe tragam água da fonte, ao invés das águas sofisticadas que sempre preferira, a beleza natural de Ana Vaqueira, assim como a simplicidade do cenário remetem personagens e leitor às paisagens bucólicas descritas pelos autores clássicos que tematizavam o "locus amoenus" e o "inutila truncat", como base essencial para se atingir o equilíbrio e a felicidade.

08. A expressão "nem façamos Arcádia" alude ironicamente à visão idealizada de Zé Fernandes relativamente aos dotes físicos de Ana Vaqueira, dona de beleza invulgar, mas, como trabalhadora braçal e rude, seria insensível a apelos sentimentais.

09. ***"Que saudade imensa, do campo e do mato,/Do manso regato que corta as campinas./Ia aos domingos passear de canoa/Na linda lagoa de águas cristalinas;/ Que doces lembranças daquelas festanças,/Onde tinha danças e lindas meninas!"***

O excerto acima retoma os tópicos do movimento neoclássico: busca da simplicidade em contato direto com a natureza bucólica ("manso regato", "Na linda lagoa de águas cristalinas") e o abandono do ***status*** social exigido na vida urbana, resumidos nos termos latinos LOCUS AMOENUS (lugar ameno) e FUGERE URBEM (fugir da cidade), respectivamente.

10. Relativamente aos aspectos formais, os poemas apresentam características das escolas e períodos literários em que estão inseridos. O poema de Cláudio Manuel da Costa, autor inserido no Arcadismo brasileiro, é constituído de 14 versos decassílabos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos com rimas emparelhadas e alternadas (ABBA ABBA CDC DCD). O de Orides Fontela reflete a influência da estética modernista, com versos livres e brancos. Quanto à temática, embora ambos os poemas abordem filosoficamente a existência, revelam diferenças quanto ao posicionamento do eu lírico. No primeiro, retoma o mito de narciso na busca da própria individualidade, enquanto no segundo se assusta com a possibilidade de a encontrar ("não amo o espelho: temo-o").

ANOTAÇÕES